

## MUSEALIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES INDÍGENAS EM MUSEUS DO SUL DO BRASIL

SARAH MAGGITT SILVA<sup>1</sup>; PEDRO LUIS MACHADO SANCHES<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – sarahmaggitti@gmail.com 1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – pedrolmsanches@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Historicamente construídas, as representações são concebidas a partir de relações eminentemente pautadas pelo exercício do poder. No tocante à observação das diferentes representações sobre os indígenas, é possível notar que as mesmas passaram por um longo processo de naturalização, atravessado pelas relações coloniais de poder, e foram sendo produzidas nos mais diferentes espaços, em especial, nos museus. Segundo LANDER (2005, p. 13), a construção eurocêntrica “[...] pensa e organiza a totalidade do tempo e do espaço para toda a humanidade do ponto de vista de sua própria experiência, colocando sua especificidade histórico-cultural como padrão de referência superior e universal [...]”.

Cumprir destacar que as compreensões eurocêntricas avançaram e se consolidaram, encontrando, inclusive, terreno fértil para o seu fortalecimento em espaços sociais e educativos de povos e continentes colonizados, que incorporaram tais conjuntos de valores como sendo seus, desconsiderando a importância e grandiosidade dos saberes dos povos indígenas. Tal fenômeno é observável na história da colonização do Brasil. Vale lembrar que mesmo após a sua independência, a exploração econômica e as relações de poder entre colonizadores e colonizados permaneceram, assumindo a forma daquilo que QUIJANO (2005), cujo conhecimento produzido tem sido influente no campo dos estudos decoloniais, denominou de colonialidade do poder.

Nesse sentido, o trabalho em questão propõe investigar as representações dos povos originários, feitas a partir dos processos de Musealização da Arqueologia, nos Museus da Região Sul do Brasil. São eles: Museu Paranaense, Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral da Universidade Federal de Santa Catarina e Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul. O presente trabalho objetiva investigar se essas representações se dão sob a tutela colonialista ou em processos de descolonização e em que medida essas instituições estão incorporando, ou não, as demandas dos povos indígenas quanto à sua autonomia e soberania para a construção de suas histórias, memórias e relações sociais. No tocante aos Museus mencionados, cumprir destacar que todos eles possuem importantes coleções de Arqueologia, que se encontram no cerne do interesse desta pesquisa.

Sendo assim, a abordagem pretendida do tema e a ênfase em sua relevância social, indicam a viabilidade do trabalho investigativo, a busca por respostas aos questionamentos apresentados mostra-se exequível. Os dados compilados fundamentarão as reflexões a respeito das representações dos povos originários, a partir dos processos de Musealização da Arqueologia, nos museus da Região Sul do Brasil.

## **2. METODOLOGIA**

O presente trabalho desenvolver-se-á por meio da abordagem qualitativa, com enfoque no estudo de caso acerca das representações indígenas, feitas a partir da Musealização da Arqueologia nos Museus da Região Sul do Brasil. Conforme TRIVIÑOS (1987), a pesquisa qualitativa prioriza a percepção, o conhecimento e o entendimento dos sujeitos, na medida em que possibilita a exposição detalhada das ideias e narrativas dos fatos, compreendendo a realidade social enquanto construção fundamentalmente humana. De acordo com GIL (1987, p. 78), “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir conhecimento amplo e detalhado do mesmo [...]”. Desta maneira, o estudo de caso procura revelar os pontos de vista divergentes, existentes em uma dada conjuntura social, possibilitando compreender a realidade sob diferentes entendimentos, diferentes interpretações.

No que se refere à obtenção dos dados deste trabalho, serão empregados determinados procedimentos, a saber: realização de observação não-participante; análise de Regimentos Internos, Projetos Expositivos e Educativos desenvolvidos pelos Museu e demais documentos; avaliação das exposições e construções narrativas dos Museus investigados; elaboração de roteiros de entrevistas semiestruturadas a serem realizadas com os dirigentes e equipe técnica que atuam nos Museus; preparo de roteiros de entrevistas semiestruturadas a serem realizadas junto às lideranças indígenas; realização de questionários a serem aplicados junto aos públicos visitantes dos Museus investigados.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O trabalho encontra-se em fase embrionária. No tocante aos museus a serem investigados, cumpre destacar que todos eles possuem importantes coleções que se encontram no cerne do interesse desta pesquisa. O Museu Paranaense, localizado em Curitiba, foi inaugurado em 25 de setembro de 1876. Iniciou suas atividades como instituição particular e seis anos após a sua inauguração, foi assumido pelo Governo Estadual. O seu acervo é composto, atualmente, por mais de 500 mil peças, provenientes de aquisições e doações, com destaque para as coleções arqueológicas tombadas pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e também as coleções de João Américo Peret, Telêmaco Borba, Günther Tessmann, Wanda Hanke e Vladimir Kozák, que passaram a integrar o Programa Memória do Mundo, criado no ano de 1992, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

O Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral da Universidade Federal de Santa Catarina, localizado em Florianópolis, dispõe de importante acervo de Arqueologia Pré-Colonial e Histórica, e de Etnologia Indígena. A instituição tem por finalidade o desenvolvimento de pesquisa e produção de conhecimento sobre populações pré-coloniais, coloniais, indígenas, bem como realizar ações museológicas com vistas a refletir criticamente sobre a diversidade sociocultural. O Museu tem sua origem no Instituto de Antropologia, criado por meio da Resolução nº 089, de 30 de dezembro de 1965. O seu acervo é composto por coleções de Cultura Popular, de Etnologia Indígena – contendo artefatos produzidos pelos povos Guarani, Kaingang e Xokleng-Laklãnõ, de Santa Catarina, entre outros povos do Brasil Central, totalizando, aproximadamente, 900 peças; de Arqueologia – abrange artefatos, ecofatos e remanescentes ósseos humanos oriundos de

ocupações pré-coloniais e históricas do território catarinense, além de material arqueológico relativo a grupos humanos que ocuparam o Norte do Brasil, no Período Pré-Colonial, totalizando, aproximadamente, 50.000 peças.

O Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, localizado em Taquara, foi criado pelo Decreto Estadual nº 18.009/66, de 12 de agosto de 1966. A instituição é ligada à Secretaria de Estado da Cultura (Sedac). Seu idealizador e fundador, professor Eurico Theófilo Miller, foi responsável por realizar pesquisas arqueológicas na Região Nordeste do Estado, desde a década de 1950. Seu acervo é composto por coleções oriundas de pesquisas em sítios pré-coloniais, com datações de até 12 mil anos atrás. São artefatos de grupos caçadores-coletores, ancestrais dos Minuanos e Charruas; de pescadores-coletores do litoral, construtores dos sambaquis; de horticultores do planalto, ancestrais dos Kaingang; de grupos agricultores das planícies, ancestrais dos atuais Guaranis, dentre outros vestígios arqueológicos de grupos pré-coloniais da América do Sul. O Museu também possui em seu acervo vestígios materiais das ocupações do período colonial.

Desta forma, cabe aqui apresentar alguns questionamentos que nortearão o processo investigativo: quais narrativas são construídas a partir dos processos de Musealização da Arqueologia nos referidos Museus? Essas narrativas objetivam o controle, por meio da reprodução da ordem colonial, ou buscam questioná-la? Como estão sendo representadas as culturas indígenas nestes Museus a partir das coleções arqueológicas? Que organização e tratamento estão sendo dados a estas coleções? Existe controle e gerenciamento das peças arqueológicas, como são realizados? Tais coleções encontram-se amalgamadas a outros artefatos ou mesmo às coleções etnográficas? De que modo as coleções arqueológicas estão inseridas nas propostas expográficas? Essas coleções estão colaborando com reflexões atuais? A elaboração de exposições conta com curadorias indígenas? Existe um espaço específico para os povos indígenas? Como os indígenas estão sendo considerados? Os dirigentes dos Museus e sua equipe técnica consideram que é necessário o estímulo à busca por maior conhecimento acerca dos povos originários? Quais são as atividades educativas e de exposição envolvendo os indígenas? Qual o nível de conhecimento que a população tem destes espaços? Como os Museus vêm inserindo as culturas indígenas em suas propostas? Existe, efetivamente, o contato dos profissionais dos Museus com grupos indígenas? Quais metodologias estão sendo aplicadas para essas aproximações? O que os Museus estão fazendo pelas culturas e povos indígenas? Os povos indígenas participam dos processos de Musealização da Arqueologia? Como estão sendo geridas e pensadas, pelos indígenas, as categorias museu e patrimônio? É possível estabelecer um contraste com uma visão ocidental, burocrática e institucional de patrimônio? Os Museus estão trabalhando com as lideranças indígenas do ponto de vista da gestão dos seus acervos? Está sendo desenvolvido um trabalho que sustente iniciativas indígenas de organização dos seus próprios museus? Os seus visitantes se sentem provocados, instigados, conduzidos à construção de um senso crítico e analítico acerca da realidade dos indígenas? Quais os impactos destes Museus, efetivamente, para as comunidades indígenas?

A abordagem pretendida do tema e a ênfase em sua relevância social indicam a viabilidade do trabalho investigativo, a busca por respostas aos questionamentos apresentados mostra-se exequível. Os dados compilados fundamentarão as reflexões a respeito das representações dos povos originários nos museus da Região Sul do Brasil.

#### 4. CONCLUSÕES

As transformações sociais são inúmeras, constantes e contribuem para despertar, na sociedade, para a necessidade de revisão de seus valores e conceitos. Frente ao contexto multicultural contemporâneo e aos desafios de um mundo em acelerada mudança, se faz necessário compreender o papel dos museus, especialmente no que diz respeito às representações dos indígenas. Ao preservar as memórias dos povos originários, é preciso observar suas particularidades, seu contexto, em um exercício de preocupação, primeiramente, com os indígenas, em melhor representá-los, considerando os processos de descolonização.

Ao trabalhar com as memórias e culturas dos povos originários, os museus precisam considerar o pluralismo que tão bem caracteriza a contemporaneidade. A sociedade brasileira é marcadamente diversa, existe uma multiplicidade de visões, de crenças, de valores, que deve ser considerada nas narrativas construídas nos museus. Dessa forma, é preciso romper com o discurso de autoridade, com o processo de comunicação museológica em que prevalece uma única versão, a verdade daqueles que controlam o poder, a história escrita pelos vencedores. Ressalta-se que os museus que visam trabalhar com culturas indígenas devem estar atentos à produção de conhecimentos por meio de experiências de aprendizagem com o outro, construindo suas ações junto com as comunidades e não para as comunidades.

Os museus desempenham importante função no que diz respeito ao desenvolvimento social. É fundamental, desta forma, salientar a relevância do papel que desempenham para a preservação dos bens patrimoniais, por meio da adoção de práticas pedagógicas comprometidas com as futuras gerações e que nos conduzam a reflexão sobre o passado, nos motivem às transformações necessárias do presente e nos auxiliem na projeção de um futuro mais digno, equitativo e humano.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

LANDER, Edgardo. Ciências Sociais: saberes coloniais e eurocêtricos. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, p. 8-23, 2005.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, p. 107-130, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.